

**Ricardo Vieira**  
**José Marques**  
**Pedro Silva**  
**Ana Vieira**  
**Cristóvão Margarido**  
(Orgs.)

**DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL  
À MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA.**

**Estar dentro e estar fora  
para mediar e intervir**

**Título:** Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária.

Estar dentro e estar fora para mediar e intervir

**Organizadores:** Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido

© 2018, Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira, Cristóvão Margarido  
e Edições Afrontamento

**Capa:** Edições Afrontamento / Departamento gráfico

**Edição:** Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

[www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt)

**ISBN:** 978-972-36- \_\_\_\_ - \_\_

**Colecção:** Textos/ \_\_\_\_

**Depósito legal:** \_\_\_\_/ \_\_\_\_

**N.º edição:** \_\_\_\_

**Impressão e acabamento:** Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

**Distribuição:** Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

[Comercial@companhiadasartes.pt](mailto:Comercial@companhiadasartes.pt)

Novembro de 2018

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013.



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais  
CICS.NOVA.IPLeiria

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



# Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<i>Ricardo Vieira, José Marques, Pedro Silva, Ana Vieira e Cristóvão Margarido</i>	
<b>I PARTE</b>	
Intervenção Social e Mediação Comunitária .....	13
<b>Capítulo 1</b>	
Da evolução do brincar na Criança ao interculturalismo: notável paralelismo.....	15
<i>Rui Matos</i>	
<b>Capítulo 2</b> – Vidas de rua: a mediação na (re)construção de projetos de vida .....	25
<i>Cátia Matias e Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 3</b> – Da mediação intercultural num GAAF .....	45
<i>Patrícia Simões e Ana Maria Vieira</i>	
<b>Capítulo 4</b> – Intervenção Social com famílias de afeto nas casas de acolhimento para crianças/jovens em perigo.....	61
<i>Sónia Santos e Cristóvão Margarido</i>	
<b>Capítulo 5</b> – A mediação e a violência doméstica: do trabalho social com os agressores	79
<i>Sandra Ribeiro e Ricardo Vieira</i>	
<b>Capítulo 6</b> – Avós e netos: educação, comunidade e solidariedade intergeracional.....	101
<i>Rosa Maria da Exaltação Coutrim e Pedro Silva</i>	

## **II PARTE**

Investigação, Desenvolvimento e Mediação Comunitária..... 119

**Capítulo 7** – Em torno da diversidade: lugares, dinâmicas e investigação ..... 121

*José Carlos Marques e Luís Baptista*

**Capítulo 8** – Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: mesa redonda / focus group com as Câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal..... 127

*Ricardo Vieira e Nelson Araújo*

## **III PARTE**

Estar Dentro e Estar Fora para Mediar e Intervir ..... 175

**Capítulo 9** – Desenvolvimento, Educação e Direitos Humanos..... 177

*Laborinho Lúcio*

**Capítulo 10** – Mediação e autonomia de crianças e jovens no sistema de acolhimento .... 191

*Maria João Leote Carvalho*

**Capítulo 11** – Políticas sociais, mediação intercultural e intrapessoal com jovens institucionalizados..... 207

*Paula Costa, Ricardo Vieira e Rui Santos*

**Capítulo 12** – A operatividade do conceito de Território Psicotrópico na intervenção comunitária..... 233

*José Luís Fernandes*

**Sobre os autores** ..... 243

**Sobre os organizadores** ..... 249

## **CAPÍTULO 2**

# **VIDAS DE RUA: A MEDIAÇÃO NA (RE)CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA**

Cátia Matias  
Ricardo Vieira

### **INTRODUÇÃO**

A economia à escala global, as mudanças no mercado de trabalho e os fluxos migratórios marcaram o surgimento de novos fenómenos sociais e alteraram os existentes, assumindo a pobreza e a exclusão diferentes configurações. Na perspetiva de Paugam (2003: 47), estas dinâmicas sociais em constante mutação podem ditar a fragilidade social, a assistência, ou, mesmo, a marginalização social.

Por isso importa perceber a inclusão social não apenas como uma resposta de «fim da linha» (Vieira, A. e Vieira, R., 2016), mas, essencialmente, numa perspetiva holística de responsabilidade social e de prevenção e mudança social (Torremorell, 2008). Urge mudar o paradigma do Estado como único responsável social e compreender que é uma responsabilidade conjunta de todos os cidadãos, a começar, desde logo, com a educação. Nesta perspetiva, a inclusão social apenas será possível através de aproximação crescente ao conceito de bem-estar, ao pluralismo cultural e à interculturalidade (Giménez, 2010, Cohen-Emerique, 2011; Vieira, R., 2011) eliminando barreira existentes, eliminando estereótipos sobre os processos de exclusão e culpabilização, e criando condições que permitam um (re)desenho de objetivos e projetos de vida para os designados «excluídos».

Esta mudança de paradigma implica uma reflexão conjunta dos diversos atores sociais considerando o conhecimento teórico no âmbito das ciências sociais e humanas, bem como o conhecimento prático de quem vive os processos no terreno. Nesta perspetiva, a intervenção pode surgir de duas formas: pela proteção social aos «excluídos» e pela adoção de respostas de proximidade com base

numa investigação social necessária com produção sobre e com o mundo dos «excluídos». Em nosso entender, a combinação de ambas as formas aumenta as possibilidades de sucesso da (trans)formação (Vieira, A. e Vieira, R., 2016) e emancipação dos sujeitos (Matias, 2016).

Muito poderia ser desenvolvido sobre o tópico da exclusão social, nomeadamente a designação de «excluído» até ao sujeito que não está «incluído» no cânone dominante. Na verdade, a liberdade de ser diferente e de ter escolhas que permitam ao sujeito viver de forma distinta dos estilos de vida da cultura hegemónica do Estado-Nação está ainda muito enfraquecida. As possibilidades de exercício da cidadania por parte dos sujeitos excluídos encontram-se, em grande parte, diminuídas muito por culpa do estigma, essa identidade deteriorada usada para caracterizar o comportamento de alguém que é inferiorizado, que se encontra à parte, que é rejeitado (Goffman, 1988).

José Machado Pais (2005) explana, de forma brilhante, a questão da cidadania como uma ‘quadratura’: incluído (dentro da quadratura) considera-se quem corresponde ao socialmente esperado e aceite como regular; excluídos (fora da quadratura) ficarão todos os que não correspondem ao padrão social imposto. De acordo com Moya «a cidadania não deverá ser associada ao discurso da «integração», mas antes ao «reconhecimento da diversidade» (Moya cit. por Machado Pais, 2005: 56). Perante esta realidade, é deveras fundamental perceber quanto os conceitos de diversidade e de identidade influem no exercício da cidadania (Matias, 2016; Vieira, 2014b; Fernandes, A., 1998; Fernandes e Araújo, 2012). Por agora sempre se dirá que a existência de regras explícitas e implícitas faz com que do seu incumprimento possa resultar uma sanção. A exclusão social pode ser, assim, encarada como que uma «sanção» pela inadequação ao meio. Foi neste âmbito que nos propusemos investigar sujeitos excluídos pelos consumos que fazem, pelos trabalhos de rua realizados e por serem portadores de doenças transmissíveis, como veremos adiante.

A oportunidade surgiu no âmbito do Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria. Dotados dos conhecimentos teóricos adequados, percebemos que a mediação intercultural (Vieira, A. e Vieira, R., 2016) e a intervenção social mediadora (Vieira, R. e Vieira, A., 2016) potenciam o empoderamento do indivíduo em situação de fragilidade social.

Por outro lado, o contacto com a realidade da exclusão social vivida nas ruas estava também já facilitado através da participação no projeto *Giros na Rua*, da «InPulsar – Associação para o Desenvolvimento Comunitário». Foi através deste projeto, que tem como objetivo a promoção de uma resposta de proximidade junto de indivíduos em situação de exclusão social (nomeadamente, toxi-

codependentes, alcoólicos, trabalhadores do sexo e arrumadores de carros) e a garantia do acesso a direitos básicos, de forma a potenciar a diminuição de comportamentos de risco dos consumidores de opiáceos, que tomámos contacto direto com a realidade dessa exclusão social, participando frequentemente em equipas de rua, o que nos possibilitou o conhecimento *in loco* das pessoas e das suas condições de saúde, salubridade e formas de subsistência.

O contacto frequente com a realidade destes sujeitos tornou a investigação que se seguiu muito mais rica, ampla e permeável à adoção da metodologia de investigação-ação (Guerra, 2002; Serrano, 2008) que pretendíamos implementar para evitar a coisificação dos sujeitos (Vieira, 2009, 2014a). Partindo da observação e reflexão com os vários intervenientes, fomentou-se o autoquestionamento dos sujeitos, planificação de projetos de vida, emancipação, autonomia e, conseqüentemente, o *empowerment* dos excluídos do sistema (Fernandes e Araújo, 2012; Pais, 1983, 2005, 2006; Vieira, R. e Vieira, A., 2016; Matias, 2016).

Ao longo do trabalho de campo realizado no âmbito da dissertação de Mestrado, entre 2015 e 2016, estabelecemos um paralelismo entre o percurso de vida destes sujeitos e um labirinto, razão pela qual a investigação se veio a designar de «*Projetos de vida labirínticos*». Procurámos captar a realidade da vida dos indivíduos excluídos pela sociedade, por via de adições (álcool e drogas), trabalhos precários, desemprego, mudanças familiares e sociais, numa perspetiva hermenêutica, no contexto em que vivem (Faria e Vieira, 2016), e fomentámos a autorreflexão, a consciencialização e o redesenho de projetos de vida para a idealização de um futuro diferente (Vieira, 2009).

Durante a investigação foram utilizadas entrevistas em profundidade, de tipo biográfico, a par da observação direta participante e não participante, e ainda de uma técnica de aproximação ao *photovoice* (Wang e Burris, 1997).

Segundo Vieira, «as histórias de vida não são mero passado. São processos históricos na verdadeira aceção da palavra» (Vieira, 2009: 16), pelo que, compreender a sua perceção do passado, presente e futuro, se assume como determinante para a perceção da construção de um projeto de vida futuro. Nesta linha, ambicionámos conseguir aquilo que, nas palavras de Machado Pais, se traduz como «olhar de frente para o que se olha de lado» (Pais, 2001: 241).

## «DE PERTO E DE DENTRO»

Enveredámos pelo paradigma da descoberta (Faria e Vieira, 2016), que nos possibilitou a recolha e organização dos detalhes colhidos durante a investigação, *in loco*. Pela presença constante do investigador, há, assim, a possibilidade

de uma ligação direta com o investigado e a sua realidade. Investigador e investigado, ambos convivem num mesmo espaço, pensam-se mutuamente, dialogam sobre isso e estão cientes dos respetivos e mútuos papéis de observadores e participantes nestes contextos de margem (Fernandes, L., 1998; Vieira, 2003). A metodologia escolhida para realizar a investigação foi o método etnográfico e etnobiográfico (Vieira, 1999; Vieira, 2003; Vieira, 2009; Vieira, 2014a, 2014b).

Com o intuito de se captar, através do olhar etnográfico, a dinâmica da urbe na construção de diferentes opções de vida julgadas à margem da sociedade (Fernandes, L., 1998), considerou-se que esta metodologia permitiria quer a proximidade necessária, quer a distância intelectual indispensável à reflexão sobre diferentes perspetivas – *de fora e de longe e de perto e de dentro* (Vieira, 2011).

Situados no âmbito da realidade a investigar, tivemos oportunidade de captar a informação e de, posteriormente, a transmitir, de acordo com os códigos ou padrões intelectuais, à comunidade científica e aos profissionais da área: «trata-se de construir um sistema de referência onde possam encontrar lugar o ponto de vista do indígena, o do civilizado e os erros de um sobre o outro, construir uma experiência alargada que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo» (Merleau-Ponty, cit. por Magnani, 2002).

Desde o início que a esta estratégia de investigação denominada por Magnani (2002: 18) «de perto e de dentro» foi para nós a pedra de toque desta investigação. Realizada em vários contextos da cidade – hospitais, centros de saúde, instituições públicas, entre outros – tivemos oportunidade de encontrar um equilíbrio entre um distanciamento suficiente para obter um prisma abrangente da realidade e uma proximidade razoável que não nos fizesse perder a perspetiva fenomenológica e particularista que se procurava alcançar.

A investigação decorreu na cidade de Leiria entre abril de 2015 e fevereiro de 2016. A cidade (ou urbe) é, neste sentido, mais do que o aglomerado de edificações e pessoas que se fixam em determinado local por razões maioritariamente ligadas à proximidade de bens e serviços. As pessoas circulam por entre os *pedaços ou manchas* (Magnani, 2002), criando os seus próprios trajetos, escolhendo as suas alternativas e os seus mapas sociais. É aí que, atendendo às escolhas feitas, se abrem ou se abandonam os seus campos de possibilidade para as trajetórias de vida em processo (Vieira, 2009).

Pretendeu-se aprofundar o conhecimento do 'labirinto' que é a vida dos sujeitos marginalizados na cidade de Leiria. Não era ambicionado encontrar números que nos permitissem chegar a conclusões gerais e estatisticamente fundamentadas, mas, antes, apurar a compreensão da realidade destas vidas, de uma forma fiel e aprofundada à representação que têm de si (Vieira, 2009). Por outro lado,

após a etnografia ou a par dela, como estratégia de aproximação, a etnobiografia (Vieira, 2003) levou-nos a uma investigação-ação (Guerra, 2002) por forma a compreender de que modo os sonhos ou projetos destas pessoas constituem para si um real campo de possibilidade (Vieira, 2009), ou foram definitivamente abandonados, e por forma a potenciar a construção de novos projetos de vida.

Particularmente, abordámos nesta investigação quatro histórias de vida: a de um portador de doença(s) infeto-contagiosa(s), a de uma trabalhadora do sexo, a de um arrumador de carros (alcoólico) e a de um ex-sem-abrigo.

A escolha dos quatro sujeitos a estudar não foi aleatória e resultou da busca de alguma saturação temática (Guerra, 2006) através da busca da diversidade interna dos sujeitos excluídos e acompanhados pela «InPulsar». Procurámos efetuar a análise de diversas realidades a partir de estudos de caso etnobiográficos (Vieira, 2003) para melhor compreender as suas características pessoais e motivos da rutura com o sistema social. Pretendemos, ainda, perceber qual a hermenêutica de si, qual o entendimento destes sujeitos sobre a sua própria história de vida (Vieira, 2009) que acompanhámos durante um ano no terreno.

Atendendo ao desafio de obter informações credíveis sobre a história de vida dos sujeitos em estudo e à dificuldade em estabelecer um contacto formal ao estilo de entrevista, enveredámos por uma metodologia de aproximação ao *photovoice* (Wang e Burris, 1997). Para a implementar, foi solicitado aos investigados que, individualmente, e de acordo com a sua biografia, ilustrassem, através da fotografia, três situações: a recordação mais feliz; o que mais gostam no dia-a-dia e qual o seu maior sonho, norteadas por três linhas basilares, que se resumem em três questões que remetem para o passado, o presente e o futuro das suas vidas:

|Como me tornei no que sou? |Quem sou eu? |Quem quero ser?

A finalidade deste exercício foi abordar o passado, presente e futuro destes indivíduos, estimulando o diálogo com o investigador através da arte (fotografia). A técnica do *photovoice* (Wang e Burris, 1997) foi aplicada num formato adaptado à investigação, para que o diálogo fosse facilmente alcançado e as questões surgissem naturalmente (Matias, 2016).

Captadas as imagens, estabeleceu-se um diálogo entre investigador e investigado com base na fotografia captada, procurando descobrir (paradigma da descoberta) por que razão tirou a fotografia, o que sentiu quando o fez, que recordações lhe trouxe, que emoção sentiu quando captou a imagem e o que pretendia transmitir.

Procurou-se captar a linguagem quotidiana dos indivíduos, alcançando o seu discurso de forma a criar empatia e confiança a fim de permitir o acesso natural às informações sobre as suas histórias de vida.

Este exercício fomentou a comunicação, auxiliou de sobremaneira a investigação e, acima de tudo, consciencializou o indivíduo das suas capacidades, valências e virtudes, capacitando-o e motivando-o a empreender um projeto de vida novo (Matias, 2016; Vieira, R. 2009).

Coube-nos observar, problematizar, partindo sempre da realidade social observada e dos discursos partilhados, mas privilegiando sempre a voz e entendimento dos sujeitos como recolha de dados. Procedeu-se à recolha direta de dados por meio da observação (participante e não-participante) para que o diálogo entre o investigador e os sujeitos de estudo surgisse de forma natural, como uma conversa (Burgess, 1997), em entrevistas etnobiográficas (Vieira, 2003, 2009 e 2014b).

Optou-se pela profundidade da investigação em casos concretos e singulares, a fim de assegurar a objetividade das subjetividades vividas, acolhendo o que Bertaux denominou de processo de saturação da informação (Pais, 2001: 375), de forma a afiançar a qualidade da informação recolhida pelo nível de profundidade da investigação realizada (Guerra, 2006: 41).

Assumindo a complexidade do nosso objeto de estudo, privilegiámos, como já referido, o paradigma hermenêutico, compreensivo, de descoberta, defendendo a complementaridade dos métodos aplicáveis no âmbito da investigação em ciências sociais (Faria e Vieira, 2016), razão pela qual há uma verdadeira mescla de métodos e técnicas aplicadas (Marques, Faria, Silva, Vieira e Lopes, 2016).

Explorou-se a autorreflexão dos sujeitos e o papel do mediador intercultural, cuja intervenção passa pelo empoderamento dos excluídos e pelo auxílio na construção de projetos de vida, como se de um advogado social de tratasse. A autorreflexão e a captação da perspetiva hermenêutica poderá despertar a vontade de criar um projeto de transformação social ou mesmo de o tornar realidade, um campo de possibilidades para um futuro diferente e construído no trabalho de mediação intercultural com os interventores sociais (Vieira, 2009; Vieira, R. e Vieira, A., 2016a).

Trata-se, em resumo, de uma investigação norteada pela paixão de intervir junto de pessoas, com as pessoas, com o sujeitos com maiores dificuldades de integração, ou, de, nas palavras de K. Popper (in G.Geymonat:186, cit. por Nunes, Rosa, 2005: 35), assumir que, finalmente, «o que conta não são os métodos e as técnicas, mas uma certa sensibilidade para os problemas e uma paixão ardente por eles; ou, como diziam os gregos, o dom natural de experimentar admiração».

## **VIDAS LABIRÍNTICAS: DE CASA À SERVENTIA DA RUA**

Na sociedade contemporânea ocidental, os projetos de vida das crianças, adolescentes e jovens passam, habitualmente, por um investimento na escola vista como um passaporte para a mobilidade social. A escola só para alguns se aproximou de uma «escola para todos», desejavelmente mais inclusiva. No entanto, por detrás dessa pretensa inclusão social, há efeitos perversos e condicionantes vários que levam ao insucesso e abandono escolar (Canário, Alves e Rolo, 2001, cit. por Vieira, A., 2013: 77-78).

Para além do afastamento das famílias, também a escola tem muitas formas de «deixar as culturas dos alunos à porta» (Silva, 2003). A Escola instrui e educa à imagem da cultura dominante, talvez por falta de abertura a epistemologias e pedagogias mais complexas (Vieira, A. e Vieira, R., 2016a) e isso é replicado na sociedade em geral.

A falta de comunicação entre a escola e a família poderá ‘enformar’ a exclusão social pelo que é determinante compreender qual o seu impacto e por que razão(ões) abandonam os jovens a escola, que, uma vez sem trabalho e sem apoio, ficam sujeitos a uma vida na rua.

A rua é, desde sempre, considerada como um espaço privilegiado de aprendizagem (infância) e de encontro (juventude) (Vieira, 2011). Nesta investigação almejou-se perceber como é possível que esse espaço de crescimento e partilha se metamorfoseie num local de trabalho, como nascem estas profissões da rua e que percursos biográficos estarão na base deste modo de vida.

De que será que se recordam os quatro sujeitos deste estudo do seu passado? De onde vieram? Como era a sua vida antes de terem sido «empurrados» para a rua? Terão algum apoio familiar? Ou terá a falta desse apoio sido a origem da rutura? Estas foram algumas das questões que tivemos sempre presente nas entrevistas como conversa (Burgess, 1997) para que a reflexão sobre estas e outras temáticas fosse possível não tanto a partir de um guião exterior mas sempre a partir do desenrolar das narrativas.

Efetivamente, as situações de fragilidade social, quando em estado agravado, poderão desembocar na dependência da assistência social. A montante, também a experiência da desqualificação social é dura e pode alterar a visão do mundo, dos outros e de si próprio. Os fenómenos de desemprego, ruturas familiares e exclusão, tendem a suceder-se e quando ocorrem de forma desequilibrada, o sujeito fica à mercê dos apoios sociais. Todo o tempo investido na recuperação da vida ativa, sem sucesso, torna-se num motivo para aceitar a dependência do sistema social. Em oposição a este percurso, quando o indivíduo não aceita a condição de assistido, pode ocorrer uma rutura total com o sistema social,

ficando em situação marginal, sem qualquer apoio. Foi o que ocorreu com alguns dos sujeitos que estudámos. Confrontados com a realidade do desemprego, lutam diariamente pela sua sobrevivência, lançando mão do que têm ao seu alcance para obter algum dinheiro que lhes permita a sobrevivência ou a satisfação do vício. São «trabalhos» precários, que não lhes conferem vínculo nem lhes retiram a liberdade, como o de arrumador de carros, trabalhador(a) do sexo entre outros (tráfico de drogas, furtos...), designados por Machado Pais (2001) como «Ganchos, tachos e biscates», que constituem muitas vezes práticas ilegais sujeitas a coimas ou sanções penais.

Em consequência, o trabalho constitui, para além de uma fonte de rendimentos, um estatuto que interfere com a sua vida em sociedade: «O exercício de uma atividade profissional impede uma situação de exclusão social [...], proporcionando ao indivíduo um contexto de vida normativo» (Negreiros e Magalhães, 2005: 11, cit. por Margarido *et al.*, 2011: 21), pelo que concordamos que, nesta medida, seja, em grande parte, um elemento integrador do sujeito na sociedade.

Se inicialmente o conceito de exclusão social se encontrava exclusivamente associado ao conceito de pobreza, hoje em dia, a exclusão abarca muitas outras realidades para além da carência económica. Segundo Costa (1998: 10), o conceito de exclusão social surge para substituir o termo pobreza. A pobreza tem que ver com a privação de meios de subsistência, trazendo à colação o conceito de desigualdade, o que não acontece necessariamente com a exclusão. De acordo com o mesmo autor, «Pobreza e exclusão social são [...] realidades distintas e que nem sempre coexistem» (2001: 10). Na verdade, podemos estar perante situações de desigualdade sem que se possa considerar que haja exclusão, sendo que outras vezes há exclusão sem haver privação de meios. Atendendo aos casos em estudo, pudemos concluir que muitos dos sujeitos são considerados excluídos por razões de pobreza, sendo essa a forma de exclusão. No entanto, existem casos em que a exclusão não se consubstancia na carência de recursos ou pobreza, mas, antes, num estado (doença, dependência), na idade ou em diferenças étnicas ou culturais.

De acordo com Gooffman (1988: 148), «o normal e o estigmatizado não são pessoas, mas sim perspetivas que são geradas em situações sociais». O estigma é visível pelos olhos dos que se consideram «normais» implicando um crescente afastamento.

A exclusão social configura assim um «fenómeno multidimensional, como um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído. Coexistem ao nível da exclusão, fenómenos sociais diferenciados,

tais como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros». (Rodrigues *et al.*, 1999: 64-65).

Como podemos viver tolerando isto? Será a tolerância o caminho? Na senda de Vieira, concordamos que a tolerância não basta! Não se altera a realidade ignorando quem se encontra desajustado socialmente. «Se se tolera a intolerância, aceita-se a injustiça» (Vieira, 2011: 102).

Através deste estudo, sublinhamos quão importante é a atuação do mediador social e intercultural como elemento empoderador e potenciador de novos laços de transformação social (Matias, 2016; Vieira, A. e Vieira, R., 2016).

## **INTERVENÇÃO SOCIAL MEDIADORA**

A mediação surge enquanto processo fundamental para a (re)estruturação de laços e auxílio na criação de projetos de vida. Com esta investigação procurámos trabalhar no âmago fundamental da Mediação Intercultural e Intervenção Social, nos processos de mediação intercultural como cultura social que, de acordo com Giménez (2010), Vieira, A. (2013), Torremorel (2008), Cohen-Emerique (2011), Vieira, A. e Vieira, R. (2013), Vieira, A. e Vieira R., (2016), se focam mais na prevenção, transformação e educação, do que, particularmente, na intervenção resolutiva ou paliativa do final de linha: «falar de cultura de mediação significa manter uma visão ampla dos processos mediadores, que, frequentemente, têm sido reduzidos a uma simples técnica de gestão ou resolução de conflitos» (Torremorel, 2008: 9).

Toda a convivência é, inevitavelmente, geradora de tensões e conflitos o que não é forçosamente algo negativo. O conflito poderá ser visto como um «motor» de mudança, uma oportunidade de mudar hábitos. De acordo com Torremorel (2008: 68), «[...] as situações conflituosas aproximam as pessoas de uma escalada de tensão, secretismo, suspeita, desconfiança, falta de comunicação, posicionamento, rotulação, crise... que conduzem à inimizade baseada num raciocínio binário que não concebe a possibilidade de reunião com a alteridade». A nossa conceção de mediação é tudo menos a de um posicionamento neutro face às perspetivas dos atores em tensão. A mediação intercultural assume um papel criativo (Cohen-Emerique, 2011), quando se apresenta como fenómeno de transformação do social, de condutas ou códigos sociais em que se baseiam novas relações entre as partes. O mediador proporcionará assim uma aprendizagem quer resolutiva, quer preventiva de conflitos, planeando e executando estratégias que fomentem as trocas culturais. A sua intervenção deverá ser entendida numa posição de igual para igual, sem hierarquias de culturas dominantes e dominadas, sem reducionismos ou permissões.

De acordo com o seu sentido etimológico, mediar, significa «estar entre», «intervir», «interceder», compreender, mas ter simultaneamente a distância necessária para compreender, ver com clareza, possibilitando «estar dentro e estar fora» (Vieira, R., 2011), para conhecer e compreender sistemas culturais distintos.

A mediação sociocultural não se esgota com a simples transmissão de informação, cultura ou conhecimento. O seu objetivo é alcançado com a criação de um «terceiro lugar» (Vieira, A., 2013), composto de cultura(s), valores, informações e conhecimento, criando pontes e estabelecendo ligações de modo a prevenir conflitos dramáticos – na implementação da mediação preventiva e transformadora – ou gerir e procurar resolução para conflitos existentes – na mediação resolutiva.

Apesar de dotado de um espírito pessoal que o capacite, o mediador deverá ser provido de valores comuns como a honestidade, multiparcialidade (Torremorell, 2008; Vieira, R. e Vieira, A., 2016), respeito, dignidade e compromisso ético multicultural (Vieira, A. e Vieira, R., 2016a) que lhe permitam ser construtor de pontes, laços e ‘terceiros lugares’.

Para além da sua função preventiva, a mediação assume, no contexto intercultural, uma função transformadora das relações entre pessoas e entre culturas: «Substituir a cultura de confrontação e do litígio pela da mediação e do consenso que vai ao encontro aos ideais de paz, que infelizmente, se materializam com demasiada lentidão» (Torremorell, 2008: 76).

## APRESENTANDO E DISCUTINDO ALGUNS RESULTADOS

Apresentamos, de seguida, parte dos discursos dos quatro sujeitos, acompanhados pelas imagens captadas por cada um, retratando o que as questões que lhes foram sugeridas evocaram.

### Passado: As minhas melhores recordações



«[...] tenho grandes recordações do castelo de S. Jorge em Lisboa». «[...] tem a ver com o rio Tejo, porque foi no rio Tejo que eu aprendi a nadar [...] que eu tive as minhas namoradas. Foi no Tejo que eu curti a vida, a minha juventude».

‘António’



«... Onde estive, tratava dos animais... e era ao ar livre [...] eu gostava. Gostava e gosto da natureza»

‘Eliseu’



«É esta da minha Santinha. Santa Maria Adelaide em Arcozelo. Vou lá todos os anos com companhia ou sozinho [...]»

‘Fonseca’



«Não tenho nenhuma recordação feliz. Nesta (fotografia) estão todos agarrados. É uma família feliz. Gosto desta porque me faz lembrar da altura em que fui feliz com o meu ex-marido e os meus filhos. Éramos uma família».

‘Maria’

### Presente: O que mais gosto nos meus dias...



«O que eu gosto mais nos meus dias é ler, é estar sentado a ver um filme ou um programa de televisão. Porque eu gosto mais dos meus dias, não é de estar ali... (a arrumar carros). Não é o gostar. Preciso do dinheiro para sobreviver»

‘António’



«Gosto de andar ao ar livre, gosto da natureza, dos animais [...] passear no mato [...] as cascatas, principalmente junto ao rio. [...] Escolhi a escola para tirar o nono ano [...]. Três anos vai demorar esse tempo. Algum dia tinha de me levantar não é só cair!»

‘Eliseu’



«Ela [mãe] toma conta de mim e eu tomo conta dela [...] mas não sabe da doença [...] ando a preparar a minha mãe [...]»

‘Fonseca’



«O meu filho é muito inteligente, sabe tudo! Sabe os aniversários de toda a gente! [...] Nós damos-lhe tudo!»

‘Maria’

### Futuro: O meu maior sonho...



«O que eu gostava de ter no futuro era uma vivenda, tipo esta. Mas... mudar de vida, nunca vou mudar. Com 60 anos? Vou ficar a arrumar carros até já não poder com as pernas. Vou ter de continuar a arrumar até não conseguir mais».

‘António’



«Eu penso na família primeiro. Depois a casa arranja-se [...]. Então um filho, pois. Uma sementezinha... mais não digo, porque também está difícil a vida não? E depois trazer as crianças ao mundo para estar nessa vida não vale a pena. Depende também de como corre a vida, não é?»

‘Eliseu’



«O que queria mesmo era pôr a máquina a trabalhar. Isto já está tudo pensado, nesta cabeça não escapa nada!»

«Quero ficar com a minha mãe até morrer».

‘Fonseca’



«O que eu queria mesmo era estar com o meu menino e dar-lhe tudo que ele quisesse. Ter uma casa para podermos estar os dois à vontade».

‘Maria’

Podemos observar que existe um denominador comum nas micro histórias de vida aqui apresentadas: uma vez inseridos nesta dinâmica, a hipótese da sua reintegração é paulatinamente abandonada. Esquece-se o passado, a família, os sonhos. Procura-se o ganho diário para sobreviver, para procurar alimento para o corpo ou para o vício.

Numa análise mais particular, apurámos que ‘Fonseca’ optou por ficar ao lado de sua mãe, a lutar pelos seus direitos, a pensar no seu futuro e a salvaguardá-lo.

‘Maria’ encara o seu futuro com muitas reservas, adiando pensar nisso. Não sabe o que vai ser do seu futuro. Sente-se desamparada. Não tem família por perto nem projetos para o futuro. Foca-se no seu trajeto de vida difícil e justifica a sua ausência de projetos futuros com esse facto. A falta de acompanhamento de que nos apercebemos (quer de médico, quer familiar), para além da falta de medicação (que não obtém por falta de dinheiro) e a desregulação na toma da mesma, não melhoram a sua situação atual. A solidão e a falta de apoio, numa mulher extremamente fragilizada pelos constantes abusos e historial de violência, fazem com que tenha abandonado a vontade de (re)construir um projeto de vida.

‘António’, apesar de reconhecer que a idade já ‘pesa’, teve uma vida repleta de experiências. Homem de muitos ofícios ‘arruma carros’ há 14 anos na cidade de Leria, por necessidade económica. Sempre que tem oportunidade ‘sai do parque’ para ‘um biscate’. ‘António’ é artesão. Foi essa a sua fonte de rendimentos durante muitos anos em Portugal (em várias cidades) e em Espanha. Por várias vezes tentou economizar para comprar pele de vitela e voltar a fazer as suas peças de artesanato. Nunca conseguiu. O vício falou sempre mais alto e o dinheiro foi gasto em álcool. Durante a sua vida teve vários tipos de consumo. Iniciou-se aos 14 anos. Hoje consome álcool e haxixe (esporadicamente), não obstante ter uma doença grave no fígado que, segundo os médicos, seria motivo mais do que suficiente para deixar de beber. O dinheiro para a comida e para o vício são a sua motivação diária para arrumar carros (Pais, 2001: 259). Mantém a vontade de voltar a fazer artesanato e vendê-lo como fez em tempos. Interiormente, sente-se capaz de enfrentar o futuro. No entanto, sabe que, atendendo ao seu passado, o futuro passará por continuar a arrumar carros até ao fim dos seus dias.

‘Eliseu’ tem um projeto de futuro bem definido. Durante anos sofreu de maus tratos num internato onde esteve até aos 14 anos de idade e de onde viria a fugir. Procurou a sua mãe que nunca o presenteou com uma visita no internato. Já em casa da mãe, foi rejeitado e fugiu para casa da sua avó. Com a morte da avó, viu-se sem lugar onde ficar e entregue à rua. Não gosta de se lembrar do passado «Isso já lá vai». Foi «sem-abrigo», mas não se resignou a essa condição. Procurou ajuda em centros de acolhimento para fazer as refeições e a higiene pessoal até encontrar uma casa onde pudesse ficar. Aconteceu primeiro na sua cidade natal e depois

em Leiria. Procurou Leiria para refazer a sua vida, após um período em que viveu na rua. Ao chegar, e após passar alguns dias na rua, encontrou um quarto e, para conseguir fazer face às despesas, arrumava carros nos parques da cidade. ‘Eliseu’ foi «sem-abrigo», viveu com toxicodependentes, mas diz nunca ter consumido. Por não se identificar com os colegas de casa (toxicodependentes) decidiu mudar de casa. Hoje tem um projeto de futuro bem definido: ter uma profissão, terminar o 9.º ano e constituir uma família. Encontra-se, neste momento, a frequentar um curso que lhe confere a qualificação profissional de jardineiro e lhe permite exercer a profissão. Posteriormente, pretende procurar uma companheira e constituir família. Não obstante ter vivido uma realidade familiar muito difícil, ‘Eliseu’ nunca perdeu a esperança de reconstruir a sua vida e formar a sua própria família.

Em todas as conversas, em todas as histórias, há um elemento comum: a violência. Tende-se, tantas vezes, a analisar as qualificações dos indivíduos, a sua proveniência, idades, género, descurando-se por vezes, o elemento emocional, a forma como viveram e ultrapassaram (ou não) os episódios marcantes das suas histórias de vida.

Todos, sem exceção, fizeram alusão ao conceito de violência nos seus discursos. A convivência num ambiente hostil deixa marcas profundas que se poderão revelar a qualquer altura. Neste momento, os investigados cujos traços de violência surgem com maior evidência são o ‘António’ e o ‘Fonseca’. Parecem ter assimilado a revolta e hoje, sempre que se descontrolam, acabam por recorrer à violência.

A solidão é também um elemento transversal à história de vida destes quatro sujeitos. ‘Eliseu’ continua a sentir-se bem sozinho. Embora refira constantemente que o seu objetivo é constituir família e deixar de estar sozinho no mundo, no seu mundo (Pais, 2006: 19), a verdade é que é assim que continua. Não mantém relações de amizade devido à desconfiança que sente e prefere «estar sozinho do que mal acompanhado».

‘Maria’ vive uma situação de solidão dramática. Longe da família e do filho, vê-se sem apoio e sem estabilidade, quer económica quer emocional. A sua atividade de *profissional do sexo* leva a que surjam, por vezes, insultos aos quais ‘Maria’ não consegue ficar indiferente. Permanece quase todo o dia sozinha no quarto onde vive e à noite fala apenas com clientes e/ou equipas de apoio (associações de solidariedade social).

‘António’, apesar de ocasionalmente acompanhado, percebe com facilidade que os seus amigos são os amigos de ocasião, os «amigos do vício», o que não lhe permite criar ligações profundas de amizade com a inerente estabilidade. Não obstante, ‘António’ dispensa a sua casa (embora sem muitas condições) a qualquer pessoa que saiba estar necessitada de um local para dormir.

No caso de ‘Fonseca’, a solidão já não é uma constante na sua vida. Apesar de viver com a mãe, assume que já se sentiu muito mais sozinho no passado.

A estabilidade é algo que nenhum dos quatro sujeitos parece ter encontrado nas suas vidas. Esta questão está diretamente relacionada com o compromisso. Nenhum dos sujeitos em estudo parece querer assumir um compromisso na vida. Não procuram um emprego que os obrigue a rotinas, a um horário e regras a cumprir. Não têm compromissos emocionais ou familiares: todos são solteiros e mesmo os que têm filhos, não os acompanham. De todos os sujeitos investigados, ‘Eliseu’ foi o único que assumiu, recentemente, um compromisso: o de fazer um curso.

Todos os sujeitos evidenciaram um percurso académico curto. ‘Fonseca’ é quem tem maior escolaridade, correspondente ao 9.º ano de escolaridade concluído. Todos os outros acabaram por ter percursos escolares curtos ou até inexistentes, como é o caso de ‘Maria’. Esta questão estará diretamente relacionada com o facto de terem sido obrigados a trabalhar ainda muito novos para ajudar nas despesas de casa dos seus pais. Outra das razões terá sido o abandono escolar por não se identificarem com a escola ou ainda porque o estigma de ser repente os impedia de serem considerados ‘alunos regulares’ e desencadeava o medo das atitudes dos seus pares (‘Eliseu’).

A conjugação destes fatores ditou os seus afastamentos, resultantes também da falta de apoio da família e inexistência de relação sadia entre a escola, a família e a comunidade. Hoje, encontram-se limitados nas atividades e/ou trabalhos que podem realizar, muito devido a esse facto.

Para a maior parte dos sujeitos investigados, voltar a estudar não é um projeto viável nem é uma possibilidade. Exceção feita a ‘Eliseu’, para quem o regresso à escola está a ser o ponto de partida para um novo futuro, para um novo projeto, para uma nova vida.

Questionados sobre novos campos de possibilidade (Vieira, R., 2009), projetos para o futuro, uns não apresentam – passividade – outros, curiosamente, demonstram vontade de desenvolver a mesma atividade – jardinagem. Parece-nos que a escolha possa estar associada ao facto de a poderem desenvolver num espaço aberto e não confinados a um edifício ou uma sala.

De acordo com o que nos foi possível concluir, a maioria dos sujeitos em estudo não pensa construir um futuro diferente, não faz planos. De acordo com Paugam (2003: 17), estes sujeitos assumem a qualidade de assistidos, reivindicando as prestações sem qualquer iniciativa: sobrevivem. Às mesmas conclusões chegou Machado Pais, quando estudou casos idênticos relativamente a arrumadores de carros e toxicodependentes (2001: 258). Preferem ter pouco e não ter ninguém do que confiar, partilhar e acreditar em alguém que lhes possa fazer voltar a viver o que de mais traumático viveram no passado (Pais, 2006: 69).

Na sua situação, todos são potenciais alvos de discriminação, mas apenas ‘Maria’ e ‘Fonseca’ reconhecem que o são (Goffman, 1988: 44). A sua atitude sugere que ambos sentem essa discriminação e a procuram nos rostos dos outros. A discriminação parece começar no interior de quem a sente.

Pudemos ainda concluir que os sujeitos que têm mais fé são os que apresentam projetos de futuro mais delineados e melhores relações consigo próprios e com os outros (‘Eliseu’ e ‘Fonseca’). Talvez a ligação com a esperança e a fé tenha feito estes sujeitos acreditar que não importa o quão fácil seja cair e difícil levantar, eles vão conseguir fazê-lo.

A situação em que se encontram poderia levar à descrença ou à perda de fé, já que não vivem um momento fácil nem feliz. Surpreendentemente, isso não abalou a sua crença e é com base nessa esperança que todos os dias se levantam e perseguem os seus objetivos.

Percebemos que todos os sujeitos investigados foram objeto de uma rutura familiar que se manifestou nuns casos mais cedo do que noutros, mas que a todos viria a deixar marcas profundas. Foi essa a rutura que os fez desacreditar da vida, da união, do compromisso. Foi essa rutura que os tornou pessoas desconfiadas e pouco recetivas à mudança e ao empreender da construção de projetos de futuro.

## EM BUSCA DE CONCLUSÕES

Procurámos, com o presente trabalho, encurtar a distância que, de forma estereotipada, na generalidade das vezes, se considera entre «nós» e «eles». Na verdade, vários locais desta cidade foram revisitados, estudados e vistos com outras lentes, porventura mais científicas, e tornaram-se diferentes daquilo que «todos já sabemos como é» (Pais, 2006: 23).

Compreendemos a exclusão não apenas como um processo estritamente sociológico e merecedor de estudo, mas, também, como um fenómeno psicossociocultural duro para quem o vive. Exclusão que se constitui num obstáculo difícil de transpor para quem se encontra fragilizado.

Pudemos concluir que as trajetórias das vidas destes sujeitos são marcadas pela sucessão de situações precárias e de muitas perdas (familiares, escola, emprego, etc...), que os conduziram a uma ‘vida de rua’ sem outras condições de subsistência. Concluímos, ainda, que muitos ainda se encontram a tentar lidar com as perdas que tiveram durante a vida. Enquanto não conseguem ultrapassar a perda ou a rutura que os conduziu à *rua*, assumem-se como ‘assistidos’, dependendo exclusivamente do sistema de proteção social para sobreviver.

Acontece, porém, em muitos casos, que os requisitos de acesso às prestações não se encontram cumpridos e, sem qualquer apoio que económico que os sustente (ordenado ou prestação social), a única opção para conseguir algum dinheiro para o seu sustento é através de alguns ‘trabalhos’ precários, muitas vezes ilegais, cuja prática é censurada e, em alguns casos, mesmo, punida.

Certos estamos de que este trabalho não apresenta respostas conclusivas acerca do fenómeno da exclusão social, das vertentes de trabalho e outras a ela associadas, cremos que nos permitiu abrir caminhos de reflexão, bem como novas formas de abordar e estudar estas temáticas. Não se pretendeu generalizar os percursos vividos por estas quatro pessoas, nem, tampouco, estender os projetos de futuro (ou a falta deles) de todos quantos vivem esta realidade, mas, antes, captar as especificidades dos casos em análise e mostrar de que forma é gerido o seu apego, ou não, ao passado, de que forma é gerido o seu dia-a-dia e como são concebidos, ou não, os projetos para o futuro.

Acreditamos que o mediador inscrito num paradigma intercultural, como descrevemos, assume, neste processo, um papel fundamental, se quisermos intervir socialmente nestes contextos de uma forma holística, etnobiográfica e fenomenológica. O mediador intercultural é um potencial criador de laços e o empoderador dos sujeitos para a (trans)formação (Vieira, A. e Vieira, R., 2016a). É o mediador social, com uma epistemologia intercultural, que poderá possibilitar que o indivíduo perceba e acredite que tem capacidade e um papel fundamental para alterar a sua própria trajetória de vida.

É desejável e importante a atuação de um mediador intercultural em associações ou municípios cuja taxa de utentes assistidos seja elevada. A sua atuação seria valiosa no empoderamento dos utentes, dotando-os das capacidades julgadas perdidas, restabelecendo a sua vida e, evitando, assim, os apoios sociais no sentido assistencialista (Vieira, A. e Vieira, R., 2016).

Avaliamos positivamente o impacto da investigação-ação nos quatro casos objeto de estudo. Todos, sem exceção, relembrou as suas experiências passadas, valorizando-as. Todos se tornaram um pouco diferentes, resultado da interação com o investigador. Embora com as diferenças atrás apontadas, são todos, hoje, processos identitários mais dinâmicos e flexíveis encontrando-se em constantes metamorfoses (Vieira, 2009).

Paralelamente à etnografia realizada, a interação e a intervenção mediadora foi criando sonhos e projetos de mudança, pelo que a etnografia foi dando origem, assim, a uma investigação-ação (Amado, 2014).

A investigação que descrevemos, sumariamente, neste capítulo, e de que aqui apresentamos, necessariamente, apenas parte dos resultados, pretende dar testemunho das trajetórias de vida e dos projetos de vida destas quatro pessoas

que, apesar de labirínticos, são repletos de experiências extremamente valiosas que urge estudar e conhecer para se poder intervir contextualizadamente, isto é, a partir de cada sujeito, seu passado, seu presente e futuro idealizado, sempre de uma forma mediadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, J. (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BURGESS, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- COHEN-EMERIQUE, M. (2011). *Pour une approche interculturelle en travail social – Théories et Pratiques*. Rennes: PRESSES de l'EHESP.
- COSTA, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- FARIA, S. e VIEIRA, R. (2016). Epistemologia e metodologia em mediação e ciências sociais. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, e C. Margarido (Orgs.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 105-124). Porto: Edições Afrontamento.
- FERNANDES, A. T. (1998). Etnicização e racização do processo de exclusão social. In *O Estado Democrático e a Cidadania*. Porto: Edições Afrontamento.
- FERNANDES, L. (1998). *O sítio das drogas: etnografia numa periferia urbana*. Porto: Editora Notícias.
- FERNANDES, L. e ARAÚJO, T. (2012). Trabalhos de margem no centro da urbe: o arrumador de automóveis. In *Etnográfica*, vol. 16, n.º 1, 5-30.
- GIMÉNEZ, C. R. (2010). *Mediação Intercultural*. Lisboa: ACIDI.
- GOFFMAN, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- GUERRA, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Princípia.
- GUERRA, I. C. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção – O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Princípia.
- MAGNANI, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In *RBCS* Vol. 17 n.º 49 junho/2002, 11-29.
- MARGARIDO, C., GRILO, P., VIEIRA, R. e COSTA, R. (Eds.) (2011). *A Dinâmica das Organizações Não Governamentais de Solidariedade Social no Distrito de Leiria*. Leiria: Folheto, EAPN Portugal/Núcleo Distrital de Leiria e CIID-IPL.
- MARQUES, J. C., FARIA, S., SILVA, P., VIEIRA, R. e LOPES, S. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira, e C. Margarido, (Orgs.). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 125-155). Porto: Edições Afrontamento.
- MATIAS, C. S. (2016). *Projetos de vida labirínticos: uma opção de vida ou uma vida sem opção?* Dissertação de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria.
- NUNES, R. S. (2005). *Nada sobre nós, sem nós: a centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos*. São Paulo: Cortez Editora.

- PAIS, J. M. (1983). A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XIX. In *Análise Social* (Volume XIX, 77-79 e 939-960).
- PAIS, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar.
- PAIS, J. M. (2005). Jovens e Cidadania. In *Sociologia, Problemas e Práticas* (n.º 49, pp. 53-70).
- PAIS, J. M. (2006). *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Porto: Âmbar.
- PAUGAM, S. (2003). *A desqualificação Social. Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora.
- RODRIGUES, E. V., SAMAGAIO, F. M. S., FERREIRA, H., MENDES, M. M. F. e JANUÁRIO, S. P. C. (1999). A pobreza e a exclusão social: teorias conceitos e políticas sociais em Portugal. In *Sociologia* (pp. 63-101). Revista da Faculdade de Letras a Universidade do Porto.
- SERRANO, G. P. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- SILVA, P. (2003). *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada. Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- TORREMORELL, M. C. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.
- VIEIRA, A. (2013). *Educação Social e Mediação sociocultural*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, A. e Vieira, R. (2013). Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural. In *A Página da Educação* (pp. 34-35).
- VIEIRA, A. e VIEIRA, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans) formações*. Porto: Profedições.
- VIEIRA, R. (1999). *Histórias de Vida e Identidades*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2003). Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos. In T. Caria (Org.), *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais* (pp. 77-96). Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Lisboa: Colibri.
- VIEIRA, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, R. (2014a). *Trajetórias de vida, subjetivação e qualidade de vida de idosos* In J. L. Almeida, P. Sousa e H. Afonso (Org.), *Perspetivas sobre o envelhecimento ativo* (pp. 145-162). Lisboa: Editorial Cáritas.
- VIEIRA, R. (2014b). «*Life Stories, Cultural Métissage and Personal Identities*» in *SAGE Open*, Jan 2014 (pp. 1-13). The online version of this article can be found at: <http://sgo.sagepub.com/content/4/1/2158244013517241>.
- VIEIRA, R. e VIEIRA, A. (2016). Mediação sociocultural: conceitos e contextos. In R. Vieira, J. Marques, P. Silva, A. Vieira e C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 27-56). Porto: Edições Afrontamento.
- WANG, C. e BURRIS, M. A. (1997). *Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment*, Health Education & Behavior.